

Nessa de Aragão mostra a sua raiva, Norton de Matos re-
corria a cada testemunha que afirma o contrario do que
lhe aprasiria.

Outros factóres se ressaltam no decorrer do julgamento
que bem patenteiam a immoralidade das investigações. Estão
no banco dos réus 18 homens; as culpas de alguns são as que
nobremente assumem como revolucionarios que lutam pe-
la liberdade e pelo bem comum; as de todos são as que estã-
o nos autos: arrancadas por meios de coacção moral e fi-
sica, por longos meses de incomunicabilidade. Prova materi-
al, nem uma so.

O Dr. Nobrega de Quintal, defensor dos réus, num belo
discurso destruiu toda a accusação. O nosso camarada Santa-
na, nas ultimas alegações refutou de tal modo o relatório
do perito tenente-coronel Temudo, que se prestou desone-
stamente a corroborar a versão de Alves Monteiro, contra a
probidade da missão científica, que prendeu a atenção de
todo o tribunal e demonstrou dum modo claro e brilhante
sino as falsidade desse relatório. Nessa alegação cheia
de nobilitante desagravo explicou os grandes objetivos
do atentado em nome da liberdade, e terminou por pedir
justiça para os que ali estavam inocentes, repellido a be-
nevolencia que o tribunal quizesse ter para com ele. As
suas palavras, ouvidas com a maxima atenção, emocionaram vi-
vamente a assistência. De muitos olhos correram lagri-
mas de sincera emoção pela nobreza e ativez de caracter
demonstradas exuberantemente por aquele nosso querido ca-
marada.

O tribunal esteve reunido II horas e um quarto para se
deliberar, e durante esse tempo tensas divergencias surgi-
ram entre os membros do tribunal, mas um "poder superior"
impõe as condenções.

Ao ser lida a sentença todos os nossos camaradas mos-
travam nitida seriedade e ativez? Mas tão revoltante en-
aquele facto que o nosso camarada Pimenta ao ver o ex-
-cuspimento das tombar com uma sincera gritou um VIVA A LI-
BERTADE tão sentido, tão chocante, tão saído da alma, que
aquella hora (cerca de I de madrugada) foi ouvido no Cam-
po de Santa Clara. Ao terminar a sentença os juizes sai-
ram precipitadamente, e mal uma vez a voz de Santana flui-
na a vitania do tribunal, e diz que as condenções não
os atingem mas sim a consciencia do povo que trabalha e
pensa. Pimenta foi levado para o calabouço entre chu-
uma de policia, e Santana é envolvido por policia que o

O Julgamento do Atentado foi a condenação de Salazar e da Ditadura

numa sintese arripante e sinistra, o que foi todo esse
dramatico processo, para illucidação geral de todos os homens
civilizados, para quem a justiça e respeito humanos
valem mais que a megalomania de Salazar e fanatismo de a
seus a doradores.

Comaca o Drama:

Alguns dias apos o atentado são presos quatro homens
por uma simples questão de dinamita. O agente Antero quer
ver já nestescaso o dinamite para o atentado. Em Agosto é
preso o nosso camarada José Lopes por causa duma caixa
que se pretendia ser destinada a uma bomba de relógio, e
este caso estava então quasi esclarecido. Já entretanto
os jornais haviam publicado a versão do atentado, e dado
como culpados cinco homens.

Na policia de Informações forma-se uma con jura. Ante-
ro, Samuel, Maria Mendes com o capitão Paço, procuram ganhar
os premios da descoberta do atentado e ascender a lugares
de predominancia, começam por arranjar outra versão e outr-
tros autores. Desde então uma luta renhida se trava, e Jo-
sé Lopes inesperadamente, sob espancamentos brutais, é obri-
gado a confessar a sua intervenção no atentado; novas pri-
ções se fazem, todos os que chegam são espancados e obrig-
gados a confissões. Esta troupe sinistra afirmava como au-
tores do atentado os nossos camaradas José Lopes, vaz
Rodrigues e Santana, e obrigaram a confissões que envolve-
ram em maxims responsabilidades estes camaradas.

Nas cavernas policiaes e nas camaras politicas se de-
sendandeia uma tempestade de paixões, uma luta sem igual.
Cada policia quer ter a sua versão, cada uma quer ter a hon-
rilla da descoberta, cada uma forja autores, ou melhor vi-
timas. A tudo isto se têm de prestar os presos; incomunica-
veis, sob terror, espancados, ameaçados; eis os "honestos
processos usados". A incomunicabilidade prolonga-se. Entret-
tanto uma figura sinistra maneja; o capitão Paço. Os presos
são atinados para a Penitenciaria, encarcerados em celas
onde a Loucura e a tuberculose rondão os desgraçados que
nelas estão metidos, e então "em toda a pompa duma investi-
gação honesta feita por um juiz", começam os presos de nov-
vo a ser interrogados pelo juiz Alves Monteiro, assistido
Cont. Pag. 4.

por Pereira dos Santos, já celebre na sua carreira de Beleguim, pelo cinismo, falta de escrúpulos, e "invenção" criminal "quando se fala de comprometer quem lhe caia na alçada.

Esta "honesto investigação" impõe aos presos, incommunicáveis há já longos meses, um subtil dilema: confessarem-se a autores segundo a versão que começara a ser forjada por Antero, Samuel, Paço e Maia Mendes. Com promessas de amnistia, com a certeza que a incommunicabilidade só terminaria quando todos se confessassem culpados, com ameaças de serem levados a espcncamentos com o "arriba espanha" alguns começaram a ceder a tudo, mediante o fim dessa entouquecedoura incommunicabilidade, a risinha promessa de verem as suas famílias; e assim se chega a uma tenebrosa conclusão. Se disserem que a media de dias de incommunicabilidade é de 200 dias por preso) (havendo os que chegarão a estar 260 dias) quem não verá quão fácil era a tão sinistras personagens, arrancar essas confissões falsas.

É assim o processo Alves Monteiro, o segundo.

A luta de reívosa competição seguia. Então dividido o proprio Ministerio em duas partes, cada uma pela sua policia, numa luta que se repercutiu per todas as esferas fascistas e officiais, acaba o processo por ser enviado ao tribunal, Militar Territorial, para que Beça de Aracão, a torva figura do Tribunal Especial, o rematasse numa solução equitativa para ambas as partes, sob a condição, e claro de se forjar e arranjar penas para condenar fosse quem fosse.

Novo processo feito, desta vez sobre pressão dos dois partidos. Um cobate feroc entre essa magistratura que hipotecou o Direito pelo viado de Salazar todo poderoso, e ciosa agora dos seus "direitos condenatorios", e outras entiladas policiais. Este processo não furia ao fim em vista; julgar e condenar alguém - e então teriam os nossos camaradas já presos - para que o "prestigio" do Estado Novo fulgurasse no "castigo exemplar aos terroristas"

O Julgamentó:

Depois de alguns dias de nova incommunicabilidade, e de farga policia e juridica, Beça de Aracão cosinha esse processo que foi a julgamento, com peças do processo de Alves Monteiro, dando-lhe a orientação que aquele lhe imprimira. Uma estranha figura surge, o Norton de Matos, como patadino dessa conjura de magistrados, ciosos do "prestigio" judicial de Alves Monteiro; como acusador frio, num pp-

pel dum Toinville do Terror Branco.

O processo sobre ainda tratos de polê, até chegar a julgamento. A bota tinha de descalçar-se. Rarios officiais foram nomeados para constituir o tribunal; todos pediam a demissão ao medirem a tempestade de odios que zunia à volta do processo. Até que apareceram estas para assumirem o triste papel de condenadores por mandato, do qual a justiça um dia pedirá contas.

Começa o julgamento em surdina; a assistencia e rigorosamente seleccionada, a sala regorgita de jentilha policia e é neste ambiente que começa a julgar-se o processo mais importante e grave dos ultimos tempos, dum importancia politica pois nele se iria revelar a decadencia de Salazar e deveria ser auscultada a voz do povo reprimido, pela voz dos seus filhos que ali no banco dos reus emergiam dum longo e tenebrodo isolamento, para dizer da sua razão, dos seus actos ou de sua innocencia, pois dum coisa e doutra ali havia.

Cinicamente é dito aos reus que tinham liberdade de fazer a sua defesa, mas quando o nosso camarada Santana com começou a justificar elequentemente as razões do atentado, em nome dos direitos do povo oprimido, foi impedido de o fazer; sempre que qualquer camarada revelava os processos porque fora obrigado a confessar, e usados por Pereira dos Santos e Alves Monteiro, logo eram impedidos de o fazer.

Os nossos camaradas Lopes, Santana e Vaz Rodrigues, assumiram as responsabilidades que possuíam, perante o tribunal com raro desasombro, e apontando as culpas que pesavam sobre os outros camaradas, como mentiras forjadas no decorrer das investigações.

Apenas nobres atitudes se impoeram à admiração do proprio tribunal, que teve de render-lhes homenagem pela superioridade moral demonstrada, e o proprio acusador teve de frisa-lo no seu discurso, onde existem indicios da conjura que a seu tempo será revelada.

Já o processo começara a despojar-se em miseros pedaços co as declarações dos presos, mas logo que começa a inquirição das testemunhas de acusação todo esse edificio de acusações se desfaz. Nem uma testemunha, das que viram puxar o cordel, ~~se~~ desdiz que o homem vestia fato claro, e o processo revela que o Pimenta vestia fato preto. Nem uma testemunha dá ao tribunal a menor prova contra qualquer dos que estão no banco dos reus. Tremendo fracasso.

não deixem dizer mais.

Assim termina a farça do julgamento, esse crime judiciário que não ficará impune.

664 anos de condenação.

Os nossos camaradas recorreram, mas ao ser estudado o relatório torna-se impossível; o decreto limita-os a condições quasi impossíveis de existirem, e deste modo é inevitável, e a defesa tem de desistir.

Ah, mas está longe de terminar esta luta. Não se acubata com a longa penitenciária ou do le-re-lo, o se-re-re-lo do Tramo.

Este crime mais do que crime será esquecido.

"Quisquilha" ajuda-o-a-e não se esqueça que somos a imortal juventude.